



TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS DE DIAGNÓSTICO PRÉVIO:
RUA DIREITA N.º 134-138 / ADRO DE SANTA JUSTA N.º 22

No âmbito de um projeto da Câmara Municipal de Coimbra para a reabilitação e ampliação dos imóveis sitos na Rua Direita n.º 134 a 138 e Adro de Santa Justa n.º 22, espaço que abarca um quintal no qual ainda prevalecem os antigos tanques para depósitos de barros pertencentes à olaria “Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra, Lda”, procedeu-se, em julho e agosto de 2022, à realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio, fundamentais na determinação do desenvolvimento da solução de projeto a desenvolver.

O espaço em estudo localiza-se na Servidão Administrativa da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, inscrita na lista do Património Mundial através da Decisão 37COM8B.38 do Comité do Património Mundial (UNESCO), conforme consta do Aviso n.º 14917/2013 publicado no Diário da República, 2.ª série - n.º 236 de 5 de dezembro de 2013 e nos termos do previsto no n.º 7 do Art.º 15.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro (LBP) como conjunto de Interesse Nacional (MN) o Conjunto da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, publicitado através do Anúncio n.º 175/2013, DR, 2.ª Série, n.º 93 de 15 de maio, dentro do perímetro definido como Centro Histórico da cidade. Administrativamente pertence à União de Freguesias de Coimbra (Sé Nova, Santa Cruz, Almedina e São Bartolomeu).

Os trabalhos arqueológicos foram da responsabilidade científica do arqueólogo Sérgio Madeira com a codireção da arqueóloga Joana Garcia, fazendo também parte da equipa as arqueólogas Ana Sofia Gervásio e Clara Sousa e os assistentes operacionais António Monteiro e Delfim Almeida.



Contexto histórico

As notícias mais antigas que existem sobre a atual zona do Terreiro da Erva remontam ao século XII, aquando da fundação de um mosteiro dedicado a Santa Justa, padroeira dos oleiros. De facto, a zona encontra-se em pleno bairro medieval das olarias. O nome “Terreiro da Erva” (por conta de neste local ser vendida forragem para os animais de carga) foi proposto através de edital da Câmara Municipal datado de 17 de julho de 1959, com pedido de supressão das designações de “Quintal do Prior” e “Adro de Santa Justa”. No entanto, estas designações tenderam a manter-se nalgumas artérias do Terreiro da Erva, permanecendo como referências históricas que remetem para a antiga Igreja de Santa Justa. Esta primitiva igreja foi fundada no ano de 1100, embora proceda uma referência de existência a uma evocação a Santa Justa e Santa Rufina já no ano de 1098.

A Rua Direita constitui uma artéria que remonta ao período medieval, referenciada a partir dos séculos XIII e XIV. Constituíra um acesso “direito” a Santa Cruz a quem chegasse à cidade vindo do norte. Aí se desenvolveu a prática da “mancebia” no século XVI. Esse facto associado com o crescente alagamento dos terrenos nessa zona baixa e a criação da Rua da Sofia propiciou que o movimento de entrada e saída da cidade se deslocasse para essa nova artéria em detrimento da Rua Direita.

Entre o Quintal do Prior e a Rua Direita estabeleceu-se a olaria “Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra, Lda”, comumente conhecida como “fabrica do lagar”, devido ao facto de ter sido erguida num edifício onde teria funcionado um antigo lagar, tendo a 24 de junho de 1824 este imóvel sido arrendado a um pintor de louça chamado Joaquim da Silva. Ao longo dos tempos foram vários os proprietários da olaria até que no dia 8 janeiro de 1965 o Diário de Coimbra reporta o encerramento da fábrica. Mas a 13 de março desse mesmo ano é de novo constituída uma renovada “Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra, Lda”, num período decrescente da produção cerâmica na cidade, assumindo a produção com carácter artesanal tradicional, que resistiu às sucessivas mudanças de proprietários e às inevitáveis adaptações. Após renovação do espaço anteriormente ocupado pela fábrica, atualmente ainda mantém um pequeno núcleo onde é desenvolvida a produção artesanal tradicional de louça de Coimbra, articulando matérias e técnicas tradicionais com soluções contemporâneas. O projeto de reabilitação do edifício, desenvolvido com inerentes trabalhos arqueológicos, rendeu várias distinções: o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana 2017, o Prémio Municipal de Arquitetura Diogo de Castilho 2019 e o Prémio Nuno Teotónio Pereira 2019. Além disso, o edifício da Cerâmica Antiga de Coimbra, como um todo, conquistou o Prémio Maria Tereza e Vasco Vilalva 2017, atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela recuperação e valorização daquele património.

Atendendo que na Baixa de Coimbra não existiam barreiros disponíveis para a extração do barro necessário à produção da faiança de Coimbra, as olarias necessitavam de um local de depósito do mesmo, num espaço próximo ou contíguo. A partir da década de 80 do século XX, deixou-se de tratar o barro na olaria, passando-se a comprar as pastas já preparadas a fornecedores industriais. Deste modo, os tanques construídos cerca de 1824, para depósito e tratamento das misturas dos barros para produção da faiança de Coimbra, deixaram de ter utilidade e acabaram remetidos ao esquecimento.



Descrição da intervenção

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos integram-se na Categoria C – “ações preventivas e de minimização de impactes integradas em estudos, planos, projetos e obras com impacto sobre o território em meio rural, urbano e subaquático e ações de manutenção e conservação regular de sítios, estruturas e outros contextos arqueológicos, conservados a descoberto, valorizados museologicamente ou não”, conforme estabelecido no Decreto-Lei n.º 164/2014 de 04 de novembro – Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, Artigo 3.º, Alínea c), e tiveram como principal objetivo avaliar e registar os contextos arqueopatrimoniais do local em apreço, propondo a sua eventual integração e valorização, em conciliação com o projeto a executar, implementando medidas de proteção e salvaguarda consideradas necessárias.

A escavação da Sondagem 1 e posterior alargamento para 1A, localizada no quintal em estudo, numa área onde, mediante as diversas fontes escritas e gráficas, assim como as reminiscências ainda existentes do complexo de tratamento de argilas, pressupunha a deteção de uma estrutura pré existente abaixo da cota atual, confirmou essa mesma realidade. Sob camadas superficiais de terra vegetal e aterro com lixo variado (sobretudo fragmentos de material de construção e plásticos), foi posta em evidência uma estrutura retangular correspondente a um antigo tanque de limpeza de argilas, em alvenaria de pedra e argamassa tradicional, na qual o alçado norte é meeiro com um dos outros dois grandes tanques, cujo topo se encontra a 60 cm de profundidade da cota atual (18.60) e o piso a 1.30 metro de profundidade, assente em terra argilosa, estéril em materiais cerâmicos ou outros, encontrando-se a cota freática do espaço da intervenção a 2 metros de profundidade.

A Sondagem 2 revelou, até à profundidade de 1 metro, um solo composto por aterro de argilas com fragmentos de cerâmica de descarte, associados às práticas ali desenvolvidas no passado, sendo que os fragmentos cerâmicos existentes à superfície não se replicam nas várias unidades argilosas que ali se prolongam em profundidade.

A estrutura posta em evidência na Sondagem 1/1A e a sua associação às restantes estruturas ainda hoje visíveis no quintal, reminiscentes de todo um complexo de tratamento de argilas, revestem-se de particular importância tendo em conta a memória do antigo método tradicional de tratamento das argilas em harmonia com a história das relevantes olarias e cerâmicas de Coimbra e, em concreto, da complementaridade com a Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra, cujo edifício foi recentemente recuperado e valorizado, preservando a herança e usufruto do espaço.

Nesta conformidade prevê-se a integração e futura manutenção dos vários tanques e demais estruturas associadas, em harmonia com o projeto de arquitetura a desenvolver, por forma a preservar as evidências da importância arqueológica deste microterritório e sua ligação à problemática da produção da louça de Coimbra.



Bibliografia de referência

BRITO, A. de (s.d.). "Documentos da Antiguidade das Igrejas de Coimbra". *Arquivo Coimbrão*. Boletim da Biblioteca Municipal.

CORREIA, V. & GONÇALVES, N. (1947). *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra I*. Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa.

LOUREIRO, J. P. (1960). *Toponímia de Coimbra*. Vols. I e II. Edição da Câmara Municipal. Coimbra.

ROSSA, W. (2001). "Diversidade. Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade". Dissertação de doutoramento em arquitetura, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

SEBASTIAN, L. & FORMIGO, F. (2016). *A última olaria de faiança de Coimbra*. Direção Regional de Cultura do Norte/ Vale do Varosa. Lamego.

TEIXEIRA, A. J. (1890). "Breve notícia dos colégios, conventos e mosteiros". *Instituições Christãs, vol. VIII*. Coimbra. Pp. 173-239.

NOTA: O Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos referente ao presente estudo encontra-se disponível para consulta no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Coimbra.



